

Leopoldo Guilherme Pio¹

MEDIAÇÕES, REDES E TEXTURAS DA CIDADE

Guimarães, Roberta Sampaio et al. (2021).
Mediações arquitetônicas: redes profissionais e práticas estatais no Rio de Janeiro.
Rio de Janeiro: Papéis Selvagens.

I A produção da cidade se realiza por meio de mediações culturais ainda pouco discutidas pelas ciências sociais. É como se o espaço urbano fosse feito de texturas e tramas invisíveis, emolduradas por ações políticas, projetos arquitetônicos e usos cotidianos. A cidade também é feita a partir dessas sutilezas: imaginários ainda imperceptíveis, mitos de origem em processo de resignificação, conexões simbólicas e políticas difusas. O livro *Mediações arquitetônicas: redes profissionais e práticas estatais no Rio de Janeiro* (2021) representa uma grande contribuição para o esclarecimento de muitas dessas tramas simbólicas. Trata-se de

uma coletânea de pesquisas organizada por Roberta Sampaio Guimarães, Antônio Agenor Barbosa e Gabriele da Costa Moreira, e que visa compreender a produção do espaço urbano por meio das mediações entre arquitetos e agentes públicos, nos diversos contextos culturais e históricos da cidade do Rio de Janeiro.

O vínculo entre políticas urbanas, obras arquitetônicas e redes profissionais é analisado a partir de um olhar interdisciplinar que reúne, especialmente, os atributos metodológicos e teóricos das ciências sociais, da teoria da comunicação e do urbanismo. Arriscamos dizer que, ao propor uma compreensão das estratégias e práticas de tais redes nas suas re-

lações com o Estado e outras instâncias políticas, a obra contribui diretamente para a formação de uma socioantropologia das mediações profissionais e políticas que formam os espaços urbanos. Nesse ponto, inclusive, reside um dos grandes méritos da proposta do livro: transcender a separação um tanto limitante e ingênua entre a sociologia e a antropologia das cidades. Assim, pode-se perceber nos artigos um olhar etnográfico que não perde de vista tais enquadramentos políticos e institucionais, bem como a lógica capitalista contemporânea e as teorias urbanísticas dominantes, modeladas e reproduzidas na lógica interna das redes sociais e políticas específicas (Maillochon 2015). Afinal, os atores vivos produzem no cotidiano das cidades diversas táticas de apropriação do espaço, para usar os termos de Michel de Certeau (1994). Tais táticas se enquadram naquilo que é próprio às estratégias presentes nas instituições e instâncias políticas, ou seja, das práticas estatais e das lógicas que englobam grandes processos socioeconômicos e políticos, sobre os quais as cidades são formadas e os lugares, praticados. Essa sinergia nos é apresentada a partir da efetivação de diversos projetos de intervenção urbana e arquitetônica que têm ocorrido na cidade nas últimas décadas. Discutem-se diversos casos que nos lembram não apenas intervenções materiais no espaço, mas, igualmente, os investimentos simbólicos e culturais na história da cidade. Dos casos históricos da urbanização da Barra ou da criação de obras monu-

mentais, até intervenções recentes, como a instalação do Parque Madureira, ou a revitalização de zonas fabris, nota-se a intenção de produzir um novo sentido de capitalidade para o Rio de Janeiro, supostamente rejuvenescida e integrada por meio de planos urbanísticos ou arquitetônicos. Esse contexto é mapeado, especialmente, mediante a compreensão das categorias de pensamento produzidas no processo de reorganização dos espaços urbanos. Embora tais categorias possam estar relacionados a certos modelos e representações de cidade, elas transcendem esses enquadramentos. Afinal, as construções arquitetônicas são mais do que um conjunto de ações técnicas sobre as formas urbanas, posto que envolvem e são envolvidas por aspectos morais, míticos, ritualísticos e cosmológicos.

Todos os artigos presentes na coletânea demonstram a complexidade das políticas urbanas e arquitetônicas ao destacar a importância de certos grupos e personagens políticos na configuração dos projetos de cidade, bem como os agenciamentos discursivos que legitimam para determinados públicos as reformas urbanas em jogo. Nesse contexto, as relações entre a instalação de equipamentos culturais e a ressignificação econômica e cultural da cidade se impõem como questão incontornável. Não é por acaso que os espaços “degradados” revitalizados e a instalação de novos museus e monumentos se tornaram instrumentos de modernização da identidade da cidade. É o caso do estudo produzido por Gabriele Moreira a respeito do projeto do

novo Museu da Imagem e do Som (MIS), instalado na orla de Copacabana, que estabelece uma nova carta de intenções a respeito do futuro do Rio de Janeiro em direção a um reposicionamento das dinâmicas culturais e econômicas da cidade. Assim como o Museu de Arte do Rio e o Museu do Amanhã, exemplos mais visíveis do uso das ações culturais na resignificação de espaços urbanos, os projetos do novo MIS e da Cidade da Música (presente no estudo de Raquel Patterman) assumiram o objetivo de performatizar a cidade e sua relação com a população. Entretanto, convém lembrar as semelhanças e diferenças entre o Museu do Amanhã e o novo MIS. Ambos foram iniciados entre 2009 e 2010 dentro de um mesmo projeto de uso das atividades culturais como ferramenta de gestão urbana, mas tiveram destinos díspares. Enquanto o Museu do Amanhã se tornou uma âncora de um “novo coração cultural da cidade” (para usar a famosa frase do Prefeito Eduardo Paes), o novo MIS foi enredado em uma série de obstáculos técnicos e políticos, a ponto de paralisar a sua construção desde 2016. Esse exemplo demonstra a complexidade das redes políticas que viabilizam as transformações simbólicas do espaço urbano. Se a arquitetura é a “vontade de uma época traduzida em espaço” (segundo a frase atribuída a Mies van der Rohe), é possível dizer que as obras arquitetônicas transcendem a dimensão instrumental, tornando tangível estruturas específicas de poder.

A preocupação dos autores em compreender as estratégias de gestão

dos espaços urbanos a partir de novos olhares teóricos possibilita a análise do que há por trás do verniz das grandes intervenções urbanas, seja na análise de Bruno Machado a respeito da revitalização da área do antigo Gasômetro às margens de São Cristóvão e da Avenida Brasil, seja na pesquisa de Paulo Silva a respeito dos concursos organizados para escolha dos escritórios de arquitetura responsáveis pelas intervenções, ou na gestão quase que “missionária” por parte dos militares responsáveis pela gestão do Monumento aos Pracinhas, estudada por Antônio Agenor.

Este mosaico de reflexões é completado por leituras inusitadas das grandes intervenções urbanas, como destaca Juliana Menezes Pereira ao discutir as ruínas do Porto Maravilha, ou seja, o que resta dos processos de resignificação e reestruturação urbana de grande escala. O mesmo pode ser dito a respeito da análise de fenômenos pouco abordados, como é o caso da pesquisa proposta por Frank Davies a respeito da gestão de terras públicas pelo Exército ou a pesquisa sobre a reestruturação imobiliária no subúrbio, desenvolvida por Aline Viana de Souza. O que une esses trabalhos, a despeito de suas diferenças metodológicas e teóricas, é a preocupação em entender os processos políticos de metropolização e reorganização dos territórios.

Cabe lembrar outro aspecto positivo presente nos artigos da coletânea: cada uma das pesquisas revela uma forma renovada de perceber as texturas históricas da cidade, ao mesmo tempo que problematiza a consti-

tuição de sua memória em diversos contextos: o estabelecimento do novo código de obras, que permite a revisão dos modos anteriores de disciplinamento urbano; as origens da Barra da Tijuca, produzida simbólica e midiaticamente como o “Rio do Futuro” e projetada com o propósito de corrigir os “erros do passado”; a atualização do MIS como parte do projeto de neutralizar a descapitalização da cidade; o planejamento do Parque de Madureira dentro dos parâmetros da Projeto Porto Olímpico, que sinalizou um reposicionamento das tradições culturais do bairro; o papel da monumentalidade urbana em antigos e recentes “ícones” arquitetônicos da cidade. Assim, as questões apresentadas em cada artigo nos fazem lembrar da velha lição presente em autores como Georg Simmel (2020) e Walter Benjamin (2018): quan-

do se fala em cidades, não se trata apenas de abordar os rastros deixados pelas formas de habitar e construir, mas de estar atento às relações sutis de poder, àquilo que é destruído ou silenciado, aos restos, às fantasmagorias da cidade.

Em suma, há uma riqueza teórica e metodológica inquestionável na obra, que reside não apenas na maneira pela qual são interpretadas as conexões entre redes profissionais e práticas estatais, mas nas leituras sofisticadas pelas quais se revelam as mediações políticas entre as dimensões materiais e simbólicas que compõem a cidade do Rio de Janeiro.

Recebida em 14/02/2023 |

Revisada em 10/06/2023 |

Aprovada em 23/06/2023

Leopoldo Guilherme Pio é professor adjunto da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), na Faculdade de Ciências Sociais e no Departamento de Saúde Coletiva. Membro do Comitê de pesquisa “Memória e Sociedade” da Sociedade Brasileira de Sociologia e representante do comitê no Fórum de entidades em defesa do Patrimônio Cultural Brasileiro. Líder do grupo de pesquisa “Ciências humanas, Saúde e Sociedade” (CNPq) e colaborador do Núcleo Arte, Cultura e Poder (PPCIS/UERJ). Tem interesse em Teoria crítica da cultura, patrimônio histórico, memória coletiva, sociologia urbana e antropologia do espaço. Autor do livro *Usos e sentidos do Patrimônio Histórico no Projeto Porto Maravilha*.

REFERÊNCIAS

Benjamin, Walter. (2018). *Passagens*. Belo Horizonte: Editora UFMG. v. 1.

Certeau, Michel de. (1994). *A invenção do cotidiano*. Petrópolis: Vozes. v. 1.

Guimarães, Roberta Sampaio et al. (2021). *Mediações arquitetônicas: redes profissionais e práticas estatais no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Papéis Selvagens.

Mailochon, Florence. (2015). “Por que a análise das redes?” In: Serge Paugam (coord.). *A pesquisa sociológica*. Petrópolis: Vozes. p. 156-170.

Pio, Leopoldo Guilherme. (2017). *Usos e sentidos do Patrimônio Histórico no Projeto Porto Maravilha*. Rio de Janeiro: Gramma.

Simmel, Georg. (2020). *Cultura Filosófica*. São Paulo: Editora 34.